

# Joaquim Veríssimo Serrão

“1925-2025” Centenário do seu nascimento

## Um Historiador com alma de poeta

O **MIRANTE** associa-se ao centenário de nascimento do Historiador Joaquim Veríssimo Serrão com um suplemento onde revisitamos algumas das suas entrevistas, declarações proferidas na atribuição do Prémio Vida, uma entrevista com o seu filho Victor Serrão, um trabalho com Martinho Vicente Rodrigues, para além de recordarmos momentos importantes na vida do Homem que deixa um legado ímpar para a História da região ribatejana mas também, e acima de tudo, para a História do país.

Embora não haja figuras do Estado nas comemorações do centenário, O **MIRANTE** deixa aqui um apelo, para que ainda durante as comemorações os responsáveis pelas iniciativas do centenário saibam usar melhor e com mais propriedade o prestígio e a Obra que Joaquim Veríssimo Serrão deixou, para mobilizarem, nomeadamente o presidente da República e o Primeiro Ministro, a associarem-se à homenagem a um dos Homens mais importantes da cultura portuguesa dos últimos séculos.

A imortalidade não se queda apenas nas pessoas que deixam rasto luminoso da sua existência, pois também se junta ao património mental que elas deixam.

*Veríssimo Serrão, excerto do prefácio ao livro **Marcello Caetano no Exílio***



**Não há figuras do Estado na comemoração do centenário do nascimento de Joaquim Veríssimo Serrão. Santarém é a capital da liberdade, terra de nascimento e de casa de família de Joaquim Veríssimo Serrão, porventura o intelectual mais importante da História do concelho dos séculos mais recentes.**

A comemoração do centenário de Joaquim Veríssimo Serrão sabe a pouco para a grande figura que foi o autor de uma das mais importantes Histórias de Portugal em 19 volumes. A sua participação na vida portuguesa do último século vai ficar na História pela sua acção, pelo empenho, pela cidadania que exerceu e, acima de tudo, pelas posições políticas que defendeu e de que foi abrindo mão sem nunca perder a razão e a qualidade de Homem de princípios. Não há figuras do Estado na comemoração do centenário do nascimento de Joaquim Veríssimo Serrão. Não sei de quem é a culpa, mas só pode ser de quem organizou a efeméride. Santarém é a capital da liberdade, terra de nascimento e de casa de família de Joaquim Veríssimo Serrão, porventura o intelectual mais importante da sua História. Era normal que houvesse mais empenho em ter figuras de Estado na comemoração do seu centenário, e que outras figuras da região ligadas à cultura também fossem convidadas para se juntarem à efeméride. Infelizmente, a direcção do Centro de Investigação não soube ou não conseguiu os seus objectivos, ou então achou que ter ou não ter figuras do Estado na homenagem era de somenos importância. Não é. Joaquim Veríssimo Serrão foi o escalabitano mais ferrenho de todas as figuras que aqui nasceram e ficaram para a História. E a sua Obra é, de longe, em termos intelectuais e de valor histórico e literário, a maior de sempre escrita por

# Não há figuras do Estado no centenário do nascimento de Joaquim Veríssimo Serrão

um filho da terra, que quis sempre viver e morrer aqui, e escreveu sobre a cidade como ninguém o fez até hoje. Santarém é uma cidade velha no edificado e ao nível dos seus intelectuais. Há uma vaidade sem sentido entre gente da cultura que disputa número de mestrados, teses, doutoramentos e coisas do género de que o meio intelectual é farto e falido. Todos sabemos que os grandes génios da Humanidade não passaram pelas universidades nem precisaram de títulos para viver, a começar por Joaquim Veríssimo Serrão, a quem ouvi, várias vezes, alto e bom som, "gozar" com aqueles que só eram gente quando alguém os tratava por doutores. Pois em Santarém é o que mais vemos, e sentimos, e percebemos que domina a classe que tem o poder de decidir ignorar o convite às figuras do Estado portuguesas para se associarem em Santarém à festa do centenário de Joaquim Veríssimo Serrão. Joaquim Veríssimo Serrão deixou uma Obra que, um dia, depois de editada e reeditada e estudada, vai ser o orgulho da cidade e do concelho. Todos os antigos e actuais escritores e Historiadores do concelho devem-lhe essa reverência, embora cada um tenha o direito à sua própria Obra e a fazer o seu próprio caminho. Mas que não se façam comparações pelos volumes dos livros, o tamanho das letras ou a grossura do papel. E muito menos ainda pelos elogios que ele espalhou por aí em badanas e outras publicações por ser um Homem humilde, que gostava de ser útil, e que não tinha problemas em encher o ego a muita gente que precisava do seu afecto como de pão para a boca. **JAE**



Joaquim Veríssimo Serrão

**Em 2006 disse a O MIRANTE que tinha regressado à sua terra para viver últimos anos de vida**

**O Historiador Joaquim Veríssimo Serrão faleceu em Santarém, sua terra natal, no mesmo mês em que completou 95 anos. Desejava ser recordado como uma pessoa tolerante e aberta que amava profundamente a sua terra.**

**Joaquim Veríssimo Serrão, filho de Joaquim Vicente Serrão, armazenista de mercearia de Sinterra, Tremês e de Adriana Veríssimo, nasceu em Santarém, no rés-do-chão do nº5 do Beco dos Agulheiros, como o próprio conta, num texto publicado na edição de 2 de Setembro de 1998, a propósito da mudança de instalações de O MIRANTE para a sua antiga casa de família.**

"No dia 8 de Julho de 1925, pelas 16h30, vim ao mundo. Um valente pimpolho de quatro quilos e meio, como costumava dizer o médico assistente, Dr. Joaquim Mendes Pedroso da Costa (...) a meninice passei-a, pois, no Beco dos Agulheiros, entre a casa paterna no nº 5 e a dos avós Adriano e Claudina nos nºs 7 a 11. Foram muitos anos de uma sintonia verdadeiramente popular com a vizinhança", escreveu. Depois do falecimento de sua mãe

## Joaquim Veríssimo Serrão queria ser recordado como uma pessoa tolerante

o Historiador nunca mais voltou a entrar na casa, apesar dos convites feitos, tanto pelo novo proprietário como por O MIRANTE. "No dia 8 de Maio de 1940 tive o desgosto de perder a minha mãe, por quem tinha uma verdadeira adoração, após meio ano de sofrimento. Em Dezembro de 1942, quando meu Pai contraiu um novo casamento, com o sangue na gueltra dos meus 17 anos recusei-me a viver na casa e fui instalar-me na pensão Rapidez. Estava a acabar o 7º ano do Liceu e com a esperança de em breve ir estudar para Coimbra. Deixei assim, nos fins de 1942, a casa do Beco dos Agulheiros onde nunca mais quis entrar. Fora o local onde vira morrer a mãe amada, pelo que não me era possível suportar a sua ausência". Em 2007, a propósito do prémio "Personalidade do Ano - Vida, que lhe foi atribuído por O MIRANTE, disse que estava preparado para morrer, embora desejasse que esse dia estivesse longe, e declarou o seu amor a Santarém. "Quero ficar recordado como uma pessoa

que fez sempre o bem. Que procurou dar-se com toda a gente, que foi sempre tolerante, aberta. Quero ficar considerado como um fervoroso amigo da minha terra e filho de Santarém". Na cidade foi dado o seu nome a uma rua e foi-lhe erigida uma estátua. Joaquim Veríssimo Serrão foi o primeiro presidente da comissão instaladora do Instituto Politécnico de Santarém, não conseguindo concretizar o objectivo de o transformar em universidade, culpando desse facto os governantes da época. Em 2011 foi-lhe atribuído o título de primeiro professor Honoris Causa da instituição. Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi presidente da Academia Portuguesa da História, entre 1975 e 2006. Foi reitor da Universidade de Lisboa (1973), cargo de que foi exonerado, a seu pedido, em 1974. Autor de uma vasta obra historiográfica, na qual avulta a sua História de Portugal, em 19 volumes, que terminou em 2011, Joaquim Veríssimo Serrão doou a Santarém

a sua biblioteca particular com mais de 35.000 obras, livros e fontes de investigação utilizados ao longo da sua carreira de professor universitário e investigador e documentação manuscrita, quadros, telas, condecorações, moedas e ficheiros. Esse material foi a base para a constituição do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, inaugurado oficialmente a 25 de Maio de 2012. Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, lamentou morte de um "amigo de muitos anos", salientando ainda que "deixou numerosos discípulos, em particular na Academia Portuguesa de História de que foi presidente". A Câmara Municipal de Santarém declarou três dias de luto municipal. Ministra da Cultura, Graça Fonseca, lamentou a morte do Historiador considerando que "foi autor de uma obra historiográfica de referência" e que formou "muitas gerações de Historiadores e investigadores". Instituto Politécnico de Santarém decretou três dias de luto académico.

O Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão nasceu do legado deixado pelo Historiador ao município de Santarém, cidade onde nasceu e morreu. Num espaço emblemático, onde muitos estiveram privados de liberdade, há hoje onze salas repletas de livros e outros documentos para consulta. À margem dos olhares curiosos continua parte da correspondência privada do académico.

Mais de 30 mil livros e cerca de 300 caixas com documentos e correspondência legados pelo Historiador Joaquim Veríssimo Serrão à câmara municipal do concelho onde nasceu, Santarém, deram origem e corpo ao Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS), que recentemente comemorou 13 anos e continua ancorado na Casa de Portugal e de Camões, no antigo presídio militar. Ao longo de onze salas estendem-se prateleiras recheadas com o espólio do académico que nasceu em Santarém em 8 de Julho de 1925 e faleceu na mesma cidade, em 31 de Julho de 2020. Há ainda peças de arte, condecorações e objectos pessoais do patrono do centro.

As obras estão disponíveis para consulta no local, bem como parte da correspondência que Veríssimo Serrão trocou com figuras do seu tempo, entre elas Marcello Caetano, o último líder de Governo do Estado Novo. Outra parte da correspondência está vedada aos olhares de investigadores e outros curiosos, por decisão do conselho consultivo do CIJVS. Por se considerar que tem conteúdo mais sensível, a consulta só será possível quando estiverem cumpridos 50 anos sobre a morte do Historiador. Trata-se de uma salvaguarda, prevista na lei, que protege os documentos que contenham dados pessoais que não sejam públicos, ou dados de outra índole que possa afectar a segurança das pessoas, a sua honra ou a intimidade da sua vida privada e familiar. Três funcionárias pertencentes ao quadro da Câmara Municipal de Santarém – Mónica Estrela, Susana Duarte e Vanda Marques - gerem outras tantas secções e garantem o funcionamento do CIJVS no dia-a-dia. O destacamento das profissionais decorre ao abrigo de um protocolo estabelecido com o município. Há ainda académicos que colaboram voluntariamente com o centro sem ganhar um cêntimo, tal como o seu director, Martinho Vicente Rodrigues. Para além do legado de Veríssimo Serrão, há um fundo novo, composto por 1600 livros, manuscritos e bens artísticos e culturais doados por autores e entidades várias. A catalogação que tem vindo a ser executada é fundamental para se aceder rapidamente ao que se procura. As instalações no antigo presídio militar estão abertas a todos os que as procurem e estejam interessados em investigar e aprofundar conhecimentos sobre a vida e obra de Veríssimo Serrão e não só. Basta tocar à campainha e dizer ao que se vai. Na manhã em que O MIRANTE visitou as instalações, encontravam-se em trabalho de consulta estudantes da Escola Superior de Educação de Santarém e da Escola Secundária Ginestal Machado. Recebem também por ano à volta de uma dezena de estagiários de escolas da cidade. A interação com a comunidade educativa é regular e existem protocolos firmados com diversos estabelecimentos de ensino, de diferentes graus, não só de Santarém, mas

# Grande parte do legado de Veríssimo Serrão está disponível para consulta no antigo presídio de Santarém

também de outros pontos do país e até do estrangeiro.

O CIJVS, vocacionado para a investigação e estudo nas áreas das ciências sociais e humanas e das ciências e tecnologias, conta com mais de mil membros e protocolos estabelecidos com cerca de três dezenas de entidades. É procurado anualmente, presencialmente ou por outros meios, por centenas de pessoas, entre investigadores, estudantes e outros interessados. Para além dos livros que edita, de diversos autores, nos últimos anos reeditou quatro obras de Joaquim Veríssimo Serrão, estando para breve a segunda edição da obra A Historiografia Portuguesa, em três volumes, escrita pelo Historiador em Paris, entre 1971 e 1973. E estão previstas outras reedições. O centro publica ainda, anualmente, as revistas Matria e Matria Digital e organiza conferências com frequência.

## Director com sucessor dentro de um ou dois anos

O professor aposentado e Historiador Martinho Vicente Rodrigues é o director do CIJVS desde a sua fundação e, questionado por O MIRANTE, revela que a sua sucessão está a ser preparada para dentro de "um ou dois anos". Não abre o livro sobre a identidade de quem se perfila para ocupar o lugar, dizendo apenas tratar-se de uma pessoa que não é natural de Santarém mas reside na cidade. Adianta também que, depois de deixar a direcção, pretende continuar ligado ao centro como elemento do conselho consultivo. Para além do filho e da filha de Joaquim Veríssimo Serrão - Vítor Serrão e Adriana Veríssimo Serrão -, estão ligados ao CIJVS outras figuras da academia, como Maria de Fátima Reis, Maria José Azevedo Santos ou José Manuel Garcia, bem como o presidente da Câmara de Santarém, João Leite, que integra o conselho consultivo. O director do CIJVS destaca a "solidariedade intelectual" que se vive no seio da instituição e menciona nomes de outras personalidades que colaboram regularmente com artigos para as revistas do centro, como Guilherme d'Oliveira Martins ou o constitucionalista Jorge de Miranda, entre outras. "Veríssimo Serrão não podia ficar apenas entre as muralhas de Santarém", diz Martinho Vicente Rodrigues, quando lhe perguntamos se a cidade tem sabido honrar a memória e o legado do Historiador.

**Mais de 30 mil livros e cerca de 300 caixas com documentos e correspondência foram legados pelo Historiador Joaquim Veríssimo Serrão à Câmara Municipal de Santarém**



Centro de Investigação conta com onze salas repletas de livros e outros documentos para consulta



Projecto de adaptação da Casa das Palmeiras vai permitir acolher o centro de investigação e o seu acervo

## Mudança para a Casa das Palmeiras continua na agenda

O Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS) tem mudança de instalações prevista a médio prazo, assim que for remodelada e adaptada a casa apalaçada doada pela benemérita Maria de Lurdes Fino ao município. O imóvel está localizado na Avenida 5 de Outubro, nas proximidades do emblemático Jardim das Portas do Sol.

O vereador com o pelouro da Cultura, Nuno Domingos, explicou a O MIRANTE que houve alguns problemas relacionados com procedimentos jurídicos e com arqueologia e condições geológicas do terreno onde

foi construído o imóvel que acabam por justificar alguma morosidade no processo. O projecto de adaptação da chamada Casa das Palmeiras, da autoria do arquitecto Carlos Guedes de Amorim, vai permitir acolher o CIJVS e o seu acervo. O CIJVS tem funcionado no antigo presídio militar desde a sua criação. A Câmara de Santarém apresentou à população, em Julho de 2023, a casa e o jardim doados ao município. Vários oradores, entre autarcas e especialistas de diversas áreas, deram a conhecer a história do edifício e de quem o habitou e do que se pretende para o futuro num momento muito participado que constituiu também um tributo à benemérita, falecida em 26 de Janeiro de 2021. O imóvel tinha um valor patrimonial de 216.438 euros.

O MIRANTE teve a sua sede e redacção numa casa situada no Beco dos Agulheiros onde JVS nasceu e viveu até aos 17 anos. Oportunidade para o insigne escalabitano escrever em Novembro de 2008 as suas memórias e prestar tributo ao jornal e aos seus colaboradores

Quem diria, no grande livro do destino, que a casa onde se fez homem um apagado Historiador viria a abrigar a sede de um jornal a quem cumpre fazer a história do nosso tempo, tanto em Santarém como no Ribatejo?

Ao folhear o número 308 de O MIRANTE, fiquei comovido com a notícia de que o semanário vai abrir as suas novas instalações no Beco dos Agulheiros, nº 7, 9 e 11. A emoção vem do facto de que, nesse mesmo local, nasci e passei a juventude, numa ligação à velha Mouraria que jamais esqueço. Tantos anos volvidos, acumulei na alma uma série de lembranças que creio não serem

inúteis para a história de O MIRANTE e para a insaciável curiosidade do seu prestante director. Eis, pois, as razões, sem qualquer intuito de vaidade ou autopromoção, porque peço um canto deste semanário para contar estes velhos pedaços da minha já longa vida. No prédio onde vai instalar-se O MIRANTE, vivia no início do século a minha bisavó e madrinha Francisca Emília dos Santos, senhora que tinha reunido, como prestamista, alguns bens de fortuna. Com ela viviam o filho Adriano dos Santos Veríssimo, mestre de carpintaria muito conceituado em Santarém, a esposa Claudina de Jesus dos Santos e os cinco filhos do casal: Ricarda (1898), Adriana (1902), Laurentino (1905), Adriano (1911) e Senhorinha (1915), todos já falecidos. Era uma família modesta, mas profundamente honrada, que gozava do maior respeito entre os habitantes do bairro, não apenas pela boa vizinhança como pelos dotes de coração. A família vivia no primeiro e segundo pisos da moradia (números 7 e 11), enquanto o nº 9 era a oficina de trabalho do meu avô materno, por todos conhecido como "o mestre Adriano". Recordo-me de, sendo ainda menino, pelo ano de 1930, ver o avô passear aos domingos nas ruas da cidade, com o seu fato impecável, chapéu de coco e bengala com castão de prata, a cumprimentar as pessoas e a ver a sua delicadeza retribuída. Como me sentia feliz levado pela mão do avô Adriano, que me ensinava a ser cortês com toda a gente, fossem respeitáveis figuras da sociedade ou apenas gente humilde! E, na oficina do nº 9 do Beco dos Agulheiros, o meu tio Laurentino dos Santos Veríssimo aprendia o ofício com o pai, nas primícias do talento e da honestidade que o tornariam igualmente uma pessoa respeitada em Santarém.

No dia 1 de Outubro de 1924, ocorreu o casamento da filha Adriana com o então jovem armazenista de mercearia Joaquim Vicente Serrão, natural do lugar da Sinterra, freguesia de Tremês, e desde os 11 anos a trabalhar no ramo comercial. Como a casa familiar era pequena para abrigar o novo casal, a bisavó Francisca instalou os afilhados no rés-do-chão do nº 5 do Beco dos Agulheiros, que também era sua pertença. Foi aí que, no dia 8 de Julho de 1925, pelas 16h30, vim ao mundo: "um valente pimpolho de quatro quilos e meio", como costumava dizer o médico assistente e meu saudoso amigo, Dr. Joaquim Mendes Pedrosa da Costa. Quatro anos depois, nasceu na mesma casa a minha irmã Maria Margarida, ainda hoje conhecida por Guida e a viver na sua casa

# As memórias de Joaquim Veríssimo Serrão associadas a uma casa que foi sede de O MIRANTE



do Algueirão Velho. Mas como o meu tio Laurentino casara, em 1928, com Maria Isabel Duarte dos Santos, a bisavó Francisca determinou que os meus pais transitassem para o primeiro andar do nº 5, a fim de cederem o rés-do-chão ao novo casal. Desse casamento nasceram os meus amados primos: Alexandre Duarte dos Santos Veríssimo (1929), hoje funcionário aposentado dos Serviços de Previdência, e a Dra. Maria Duarte dos Santos Veríssimo Dinis (1935), que foi uma distinta professora de Ciências Físico-Químicas no Liceu Sá da Bandeira. A meninice passei-a, pois, no Beco dos Agulheiros, entre a casa paterna do nº 5 e a dos avós Adriano e Claudina nos nºs 7 a 11. Foram muitos anos de sintonia verdadeiramente popular com a vizinhança, a maior parte da qual partiu há muito para o Além. Mas tenho alegria em recordar que foram da minha criação, entre outros, o Manuel Custódio, que tinha um café no Mercado, o Joaquim e o João Clemente, o José Ramos, o Joaquim Machorro e as irmãs, a Maria Adélia e a Milú, filhas do João Menino, o futuro bandarilheiro César Marinho e o José Pereira, mais conhecido por Zé 14, que foi guarda-redes de futebol de Os Leões. Éramos todos uma família que se unia nas brincadeiras e traquinices, sobretudo na época do Carnaval.

A morte do avô Adriano (1934), seguida da bisavó e madrinha Francisca Emília (1935), obrigou a família a fazer partilhas. A tia Ricarda havia casado em Lisboa com José dos Santos Farelo, honrado comerciante de drogaria, nascendo do matrimónio os primos Maria Emília (1917), Júlio (1919) e Maria Carolina (1924). Os tios Adriano e Senhorinha haviam, por seu turno, constituído família e saíram também da casa familiar. A partir de 1937, o imóvel do nº 7 a 11 coube aos meus pais, enquanto o tio Laurentino ficou com o nº 5, onde já habitava, e com acesso à loja do nº 9, onde tinha a oficina de carpintaria. Recordo-me de meu pai proceder a arranjos

na casa, embelezando o pátio em pedra e o jardim anexo, tornando a moradia com mais cómodos. Durante três anos vivi nessa casa muito feliz, envolto no carinho dos meus pais e irmã e no convívio com os tios Maria Isabel e Laurentino e os meus dois primos. No dia 8 de Maio de 1940, tive o desgosto de perder a minha mãe, por quem tinha uma verdadeira adoração, após meio ano de sofrimento. Em Dezembro de 1942, quando meu pai contraiu um novo casamento, com o sangue na guelra dos meus 17 anos, recusei-me a viver na casa e fui instalar-me na pensão Rapidez. Estava a acabar o 7º ano do Liceu e com a esperança de, em breve, ir estudar para Coimbra. Com a verdade que brota da alma, devo hoje confessar que o meu pai respeitou a decisão e que nunca me faltou com nada para terminar o curso em 1948. São razões, a meio século de distância, para que tenha para com a sua memória um tributo de perene gratidão. Deixei assim, no fim de 1942, a casa do Beco dos Agulheiros, onde nunca mais quis entrar. Fora o local onde vira morrer a mãe amada, pelo que não me era possível suportar a sua ausência. Mas no fundo, bem no fundo do coração, nutria o secreto desejo de voltar ao Beco dos Agulheiros quando chegasse a hora da velhice. Pretendia ali fechar os olhos, na casa que fora da madrinha Francisca e do avô Adriano, onde crescera menino e me fizera homem no seio de uma família afectuosa e unida.

Mas as coisas vieram a tomar outro rumo em 1958, quando o meu pai transferiu a residência para o Beco do Feleijo e se tornou urgente fazer as partilhas inconclusas desde a perda de minha mãe. O prédio dos nºs 7, 9 e 11 do Beco dos Agulheiros ficou então devoluto. Eu vivia em Toulouse, em cuja Universidade era Leitor de Português e onde pretendia ficar para sempre. A minha irmã Guida estava em vésperas de casar-se com o Vitorino Antunes dos Santos, empregado da Casa Jalco e a residir na Amadora. A venda do imóvel tornou-se uma necessidade, tanto

mais que o adquirente era um grande amigo nosso, o Senhor Joaquim Constantino Lucas, proprietário da firma Carraóvel. Conhecendo-me desde menino, insistia em dizer que "seria para ele uma honra viver no prédio onde eu havia nascido". Era a generosidade do seu coração a falar, tanto mais que eu nascera no rés-do-chão do nº 5 e apenas crescera no prédio ao lado. Recordo-me da lhanza com que o assunto foi tratado e a que acedi por a minha irmã Guida ter urgência na transacção. Esta veio a efectuar-se no ano de 1960. Não recordo hoje o valor exacto, mas creio que foi no montante de 128.000 escudos, a dividir em partes iguais. O Senhor Joaquim Constantino Lucas procedeu a obras de adaptação no prédio, aumentou o alçado do segundo piso e fechou a varanda aberta que dava para o Beco dos Agulheiros. Juntamente com a esposa, D. Gracinda, diversas vezes me convidou a visitar a moradia, ao que nunca acedi, com delicadas evasivas. Ser-me-ia penoso recordar os tempos dourados da minha infância, nas razões que me haviam levado a deixar para sempre o prédio nos fins de 1942. O filho, Fernando Vieira Lucas, também meu velho amigo, nunca deixou de insistir com o mesmo propósito. Mas o tempo, como diz o provérbio, já não volta para trás!

Assim se explica que tantas recordações me tenham vindo à mente ao saber que O MIRANTE vai instalar-se no prédio onde vivi os primeiros 17 anos, mesmo junto da casa do nº 5 do Beco dos Agulheiros, onde nasci. Apenas falo do último século da habitação, pois recordo-me de uma longa abóbada na cave e de paredes com mosaicos de tijoleira que denotavam os vestígios de uma construção mais antiga. Seria apenas o rés-do-chão de uma outra casa existente no mesmo lugar, no pleno coração da Mouraria escalabitana? Quando era jovem pensava muito nisso e nutria a esperança de um dia fazer escavações no prédio dos meus avós e que, desde 1937, passou a ser dos meus pais. Mas, como muitos outros sonhos juvenis, também esse ficou por realizar na louca correria dos anos.

Ando há meses com a ideia fixa de escrever umas "Memórias", para dar testemunho do itinerário que me foi dado viver. Se ainda for possível concretizar esse projecto, talvez esta evocação venha a ser uma das primeiras páginas desse livro. Resta-me somente desejar ao Joaquim Emídio e a quantos o acompanham na sua tarefa, que O MIRANTE venha a obter uma vida de sucesso nas suas novas instalações. Um vínculo de recordações fica doravante a ligar-me ao semanário que se pretende defensor das aspirações e interesses do Ribatejo. Não é de crer que volte a entrar nessa casa onde fui feliz e tive desgostos, mas certo é que dela guardo para sempre muitas saudades. Quem diria, no grande livro do destino, que a casa onde se fez homem um apagado Historiador viria a abrigar a sede de um jornal a quem cumpre fazer a história do nosso tempo, tanto em Santarém como no Ribatejo? Assim se cruzaram, por vontade de Deus, os caminhos da vida, e sem que nós possamos adivinhar a força desse mistério. Que O MIRANTE venha a ser feliz na casa do Beco dos Agulheiros, são os meus ardentes votos.

# Vítor Serrão: "O meu pai sempre me acompanhou e incentivou. Era uma formiguinha a trabalhar"

Vítor Serrão, 72 anos, é filho de Joaquim Veríssimo Serrão, e formou-se em História da Arte graças aos conselhos do seu pai que o incentivou a estudar uma área na altura pouco explorada na cultura portuguesa a partir das universidades.

É o próprio que o confessa numa entrevista a O MIRANTE na casa de seu pai, às portas de Santarém, que herdou e que agora habita a tempo inteiro.

Vítor Serrão aceitou falar do centenário do nascimento do seu pai e do que pensa da sua Obra. Sobre o trabalho da actual direcção do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão não quis tecer comentários porque diz respeitar o seu principal responsável e que é a sua irmã, Adriana Serrão, que trata directamente os assuntos, e que só comparece a algumas reuniões quando é solicitado.

A conversa começou pela relação entre pai e filho e a resposta veio pronta. "Era um grande homem. Creio que nunca magoou ninguém deliberadamente. Gostava muito da polémica mas era parte da sua vida intelectual. Foi um homem que também lutou a partir de baixo. Eu olho para mim. Nasci no meio de livros. Tive um pai que em pequenino me levou a Toledo ao Louvre, pude viajar com ele, empurrava-me literalmente. Ena pá, tens aqui um caminho, não há ninguém a trabalhar a história da arte em Portugal. Foi ele que me empurrou aos 20 anos. Tenho também um preito de gratidão por um pai que foi também um inspirador. Depois houve as brigas que Freud pode explicar, também de rebelião em família, que é natural, como ele teve com o pai dele. Foram grandes brigas mas hoje muitas delas nem deixaram memória, como é normal".

● O seu pai é um Homem pouco valorizado e ainda censurado pelo meio intelectual.

É a política. O meu pai nunca foi um homem de direita. É um equívoco completo. Foi puxado pela extrema direita. Quiseram fazer dele um ícone mas escolheram a pessoa errada. A nível humano era único. Por causa da sua ligação a Marcelo Caetano foi abandonado por toda a gente, mas o que ele fez é muito bonito. O meu pai acreditou como tanta gente na reforma do Estado, na



Vítor Serrão

chamada primavera marcelista, mas falhou. E ele foi uma das vítimas.

● O livro com as cartas trocadas com Marcelo Caetano no exílio e depois o relato das suas visitas noutra livro são documentos que jamais podem ser apagados da História dos tempos da Revolução de Abril. São livros que fazem falta nesta comemoração do centenário porque são os que estão em falta, e algumas partes foram censuradas.

Temos que esperar mais 20 anos para podermos publicar as cartas. Têm que ser publicadas na íntegra mas já não será no meu tempo.

● Não há figuras de Estado na comemoração do centenário do seu pai em Santarém?

Pois não. Mas eu não posso responder por isso, não faço parte da organização. O que lhe posso dizer é que está previsto para Outubro, em Lisboa, um encontro com gente ilustre, de Portugal e de Espanha, onde haverá uma maior participação oficial de outras entidades.

● O Centro de Investigação podia ter feito muito melhor?

Ao nível do trabalho feito só espero que no futuro haja uma nova dinâmica ao nível do tratamento da sua biblioteca de forma a ficar acessível a toda a gente. É uma biblioteca

muito importante para quem estuda o regional e o local.

● O Senhor e a sua mãe foram sempre de esquerda, ligados ao Partido Comunista, isso trouxe alguns problemas de relacionamento ao longo da vida...

Que sempre se foram resolvendo. Como já lhe disse o meu pai gostava muito de mim, nunca faltou, empurrava-me e estimulava-me, nunca deixou de comparecer a uma das minhas provas, de mestrado e doutoramento, entre outras importantes na minha vida.

● O meu pai não era um radical de direita. Isso é o que querem fazer passar. Não esquecer que ele foi mandatário da candidatura de Cavaco Silva. E posso testemunhar que uma vez almoçou ao lado de Álvaro Cunhal e que ficou com boa impressão dessa conversa.

● Conhece o espaço dedicado a Marcelo Caetano no Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro? Como é que guarda a memória da ligação entre o seu pai e Marcelo Caetano?

Lembro-me daquele homem a pegar-me ao colo no comboio, quando íamos para Paris era eu ainda um miúdo. Um homem que ria muito. O meu pai era amigo íntimo, amigo do peito de Marcelo Caetano.

● Que Marcelo também cultivava e retribuía fazendo elogios à Obra de seu

pai e pedindo conselhos e expondo as suas amarguras e alegrias.

Verdade. Nunca deixaram de se acompanharem e de se respeitarem. Daí as "Confidências no Exílio" e outros livros onde está muito da História de Portugal desses tempos conturbados que um dia têm que ser mais conhecidos. O meu pai esteve na greve académica antes do 25 de Abril, mas ninguém fala disso. Como abandonou o cargo de Reitor foi demitido pelo regime. O regime era horrível. Não vale a pena branquear. A amizade do meu pai pelo Marcelo Caetano era muito bonita. A minha mãe chegou a ir ao Rio de Janeiro com ele.

● Deve ter sido um grande desgosto para ele ser casado com uma mulher que militava no partido comunista?

Todos temos as nossas escolhas e acho que o meu pai respeitava isso embora pudesse não gostar.

● Seu pai deixou algum testamento relativamente à forma como gostava de ver tratada a sua obra.

Deixou um pequeno texto que acompanha o legado à Câmara, em que explica "está aqui a minha vida". É um texto muito bonito.

● Ainda podemos ter mais um volume da sua História de Portugal?

Não. O que ele deixou é uma caixa com apontamentos que não têm forma. Estão lá para um dia alguém investigar. Jamais poderão ser um volume que dê continuidade à sua História de Portugal. Quando foi para o Lar levou a máquina de escrever e ainda tentou acabar o volume 20, mas já não foi capaz.

● Voltando ao Centro de Investigação, o Senhor está por trás da reestruturação que se adivinha e que tanto se deseja?

Não. A minha irmã é que acompanha. Estou mais envolvido porque vim morar para a casa do meu pai. Desde que me reformei e que a minha mãe morreu, vim viver para Santarém e, ironias da vida, vim parar aqui a esta casa. Colaboro. Vou às reuniões da Matria, mas não me quero imiscuir.

● Escreveu a História de Portugal como ninguém o tinha feito até agora.

É pioneiro a contar a História de Portugal a partir de baixo; valoriza a pequena comunidade, periferia, a conjuntura local, para depois dar a ver os grandes fenómenos. É um trabalho que nunca tinha sido feito. Ele era verdadeiramente uma formiguinha trabalhadora.

## Santarém despediu-se de um filho ilustre

Santarém despediu-se na segunda-feira, 3 de Agosto, de um filho ilustre. As cerimónias fúnebres do Historiador Joaquim Veríssimo Serrão, falecido a 31 de Julho com 95 anos, decorreram na Igreja da Piedade, onde foi baptizado há mais de nove décadas. O cortejo fúnebre rumo ao cemitério dos Capuchos não foi exactamente como o académico tinha idealizado e partilhado em entrevista a O MIRANTE, em 1998, com passagem silenciosa pela Rua de São Nicolau. A urna, coberta com a bandeira da Academia Portuguesa de História, foi transportada num carro funerário até ao cemitério, mas

contornando o centro histórico da cidade que tanto amou e estudou. No enterro só estiveram os familiares mais próximos. "Quero despedir-me de Santarém, silenciosamente e pela Rua de São Nicolau, sem qualquer tipo de manifestações", dizia Joaquim Veríssimo Serrão nessa entrevista há 22 anos. Na missa, na Igreja da Piedade, celebrada pelo bispo de Santarém, D. José Traquina, coadjuvado pelo padre Joaquim Ganhão, participaram algumas dezenas de pessoas, entre elas o presidente da Câmara de Santarém, Ricardo Gonçalves, e a vice-presidente da autarquia, Inês Barroso.

Texto publicado no dia 06 de Agosto de 2020

## Voto de pesar por unanimidade na Assembleia da República

O Historiador Joaquim Veríssimo Serrão desejava ser recordado como uma pessoa tolerante e aberta que amava profundamente Santarém, onde nasceu. Disse-o em 2007, a propósito do prémio Personalidade do Ano - Vida, que lhe foi atribuído por O MIRANTE e foi assim que sucedeu quando faleceu, a 31 de Julho de 2020, dias depois de ter feito 95 anos. Natural de Santarém, era Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi presidente da Academia Portuguesa da História e reitor

da Universidade de Lisboa e, foi também, o primeiro presidente da comissão instaladora do Instituto Politécnico de Santarém. Deixou uma vasta obra historiográfica, na qual avulta a sua História de Portugal, em 19 volumes, que terminou em 2011. O Parlamento homenageou-o a título póstumo, no dia 25 de Setembro, considerando-o "um dos mais brilhantes historiadores portugueses". No texto aprovado pelos deputados, afirma-se que, graças à sua obra milhões de portugueses passaram a conhecer melhor a sua própria História".

Entrevista ao Historiador Joaquim Veríssimo Serrão em 11 de Março de 1998.

O ponto de partida para esta conversa com o Professor Joaquim Veríssimo Serrão foi o lançamento do Volume XIII da sua História de Portugal (1926-1935). Fomos recebidos em sua casa, uma vivenda em Salmeirim, às portas da cidade de Santarém. Ali, numa vastíssima biblioteca onde o acesso às prateleiras mais altas é feito com recurso a um escadote, o Historiador trabalha na sua obra usando fichas escritas à mão devidamente arrumadas em gavetas.

# "Reconheço que tenho uma queda para os vencidos. Ficar do lado dos vencedores é muito fácil"



Joaquim Veríssimo Serrão

## ● Quando começou e quando é que acaba este projecto da História de Portugal?

Quando era mais novo edifiquei na minha cabeça o projecto de escrever uma História de Portugal. Para esse efeito fui reunindo milhares de fichas das leituras que fazia e dos documentos que encontrava. Queria que essa História de Portugal fosse o corolário da minha vida de professor e de Historiador. Ocorreu o 25 de Abril e, com grande espanto meu, que sempre me dei bem com os meus alunos, fui saneado das funções docentes em princípios de Maio de 1974.

## ● Na altura era Reitor da Universidade de Lisboa.

No dia 26 de Abril apresentara a demissão do cargo de Reitor e preparava-me para voltar àquilo que era o meu emprego e sempre foi a minha vocação: professor universitário.

## ● Qual passou a ser a sua situação?

O saneamento de que fui objecto fez-me permanecer em casa, afastado da Universidade, durante quatro anos, muito embora não me fossem retirados os meus honorários uma vez que não havia razões para me impedirem de ser docente. A situação criada levou-me a antecipar o projecto de escrever a História de Portugal.

## ● Há quem diga que o senhor é mais um contador de histórias do que um Historiador.

Reconheço que tenho um método de fazer história que nem todos apreciam mas vou continuar a ser-lhe fiel. Não faço afirmações que não possa justificar em notas de rodapé. Não quero dizer com isto que não possam ser notas sujeitas a discussão.

## ● Como é que vive com a sua consciência ao verificar, depois de um livro publicado, que deixou para trás uma fonte importante?

O escritor Bernard Shaw dizia que qualquer livro só deveria ter segundas edições. Significa que a pessoa, depois de fazer um livro, sente sempre a necessidade de emendar, de corrigir, de acrescentar. Por isso se fazem segundas edições corrigidas e aumentadas.

## ● Sente-se preparado para escrever sobre factos da nossa história ainda muito recentes?

Até há trinta anos dizia-se que a História deveria ter perspectiva, que não se devia escrever a História do presente, mas sim a História do passado mais ou menos recuado. Essa concepção hoje alterou-se por completo porque nós não fazemos só História; estamos a viver na História. Outros meios extraordinários de captação e de informação apareceram, nomeadamente as fitas magnéticas, os postais, o cinema, os microfilmes. Tudo isso dá hoje ao Historiador uma ferramenta colossal para apanhar o acontecimento e historiá-lo.

## ● Tendo sido amigo de Marcelo Caetano, por exemplo, o seu trabalho não fica condicionado?

Não tenho rancores. Tenho convicções fortes e respeito a opinião dos outros. Não

serei exemplo da piedade cristã mas sou um homem que admite aos outros os erros e as deturpações, como eu próprio os posso ter nas afirmações que faço e nas coisas que escrevo.

## ● Alguns dos seus críticos acusam-no de usar demasiados adjectivos na sua escrita, nomeadamente quando se refere a determinados personagens mais recentes. "Ilustre", "Brilhante", "Distinto", "Insigne"...

Há uma certa injustiça nessas críticas. Por exemplo, ao Rei D. Manuel chamei-lhe "Excelente" e o mesmo ao Rei D. João II, mas creio que quando trato de figuras mais próximas de nós muito raramente emprego esses adjectivos. Como homem humilde aceito e respeito as hierarquias e habituei-me a chamar insigne a Alexandre Herculano como Historiador, mas já não chamo o mesmo a Alfredo Pimenta.

## ● Quem é que o ajuda nas suas pesquisas?

Ninguém. Habituei-me, desde sempre, cada vez que leio um jornal ou um livro, a fazer fichas. Por autores, por locais, por temas. Tudo o que leio e me interessa faço o resumo numa ficha. Não tenho computadores, nem quero. Tenho as minhas fichas. Tudo isto é resultado de muitas leituras. Não se pode esquecer que sou um velho: tenho 72 anos de idade. **Toda a minha vida foi feita a trabalhar. Nunca tive empregos rendosos, amei sempre muito a cultura e ainda hoje leio e escrevo todos os dias. A minha vida é estudar todos os dias, não sei fazer mais nada.**

## ● Qual é a melhor hora do dia para escrever?

Começo a trabalhar às seis da manhã. Tenho o tempo muito ocupado, sou presidente da Academia Portuguesa de História, eleito pelos meus colegas há 25 anos, e não recebo um centavo. Vivo da minha reforma, dos direitos

dos meus livros e todos os dias da minha vida são para estudar. Raramente me vêem na cidade.

## ● E nos dias em que não tem inspiração para escrever?

Quando não tenho inspiração para escrever e para criar, leio, faço fichas e medito. Há certos dias em que, para não ficar de braços cruzados, medito e aguardo a hora propícia para escrever.

## ● Quando não está a escrever lê outros Historiadores como António Sérgio, por exemplo?

Conheço a obra toda de António Sérgio que me fascinou nos meus tempos juvenis. Foi uma grande cabeça pensante. Ajudou muitos portugueses a saírem de uma concepção dogmática da história para aquilo a que se chama o criticismo, muito embora o criticismo dele seja idealista, mas, com a formação matemática e filosófica que tinha, António Sérgio abriu muitas veredas na história do pensamento português e de uma maneira que sempre apreciei muito.

## ● Lê mais autores de direita ou de esquerda?

Essas palavras como esquerdista e direita deixaram de ter sentido e valor no mundo de hoje. O homem posiciona-se perante os problemas do Mundo, e perante esses problemas ou tem uma concepção universalizante em que todos temos os mesmos direitos e os mesmos deveres ou estabelece uma hierarquia em que ignora uns estratos para privilegiar outros. Eu, como sou um homem humilde, filho do povo, modesto, sempre estive aberto a todas as concepções. Não há nada de novo debaixo do sol. Os homens são sempre a mesma matéria e alternam o carácter com a falta dele, a honestidade com a falta dela. Quero dizer, o

homem é um conjunto de virtudes e pecados, defeitos e grandezas e é essa aliança que o faz grande.

## ● É um desiludido...

A verdade é que o Mundo não marchou dentro dos valores que sonhámos. Acredito nos valores éticos. Acredito na justiça, na competência, na honradez, na coerência.

## ● Sabendo que o ciclo se repete, que com relativa facilidade se passa de bestial a besta, como é que consegue motivação para continuar o seu trabalho?

É um ideal de vida e na minha vida tive vários. Adorava ópera e música clássica mas perdi o gosto com os anos. A paixão da História tem resistido a tudo, essa nunca me larga. Agora perto do fim da vida surgiu outra paixão: mortos que amei. Vivo numa profunda comunhão de alma com as pessoas que amei: pais, professores, amigos. A morte de um amigo deixa-me sempre consternado. Tenho os meus amigos sempre junto a mim.

## "OS MÉDIA CONTINUAM A SEGUIR OS VELHOS HÁBITOS DE SILENCIAREM QUEM NÃO GOSTAM"

### ● Santarém é também uma das paixões da sua vida?

Vivi em Santarém até aos dezoito anos. Passei muitos anos no estrangeiro, quinze ao todo, mas vim para Santarém porque é aqui que tenho os meus amigos, os meus mortos, e aqui pratico o culto da História. Tenho a paixão desta terra e vivo numa profunda saudade por aqueles que amei.

### ● Santarém merece esse amor?

Santarém é uma terra que tem um grande sortilégio porque a história, a arte e a natureza estão de mãos dadas. É uma terra que merece ser preservada e acarinhada. Não sabem como adoro andar pelas ruas de

Santarém. Mas reconheço que Santarém não acompanhou o progresso de outras cidades e o problema não é de agora, vem do passado. **No passado havia liberdade a menos. Quem mandava era o presidente da câmara e mais nada. Agora há liberdade a mais, cada um discute para seu lado e as obras ficam por fazer.**

● **O senhor teve muitas distinções ao longo da sua vida. O Prémio Príncipe das Astúrias, que recebeu em 1985, é o de maior valor?**

Fui sempre um amigo da vizinha Espanha, o que não quer dizer que não seja um patriota. Defendo um grande princípio: cada nação na sua casa. Prezo muito a independência de Portugal mas tudo aquilo que possa valorizar a cultura hispânica deve ser feito. Devemos dar os braços à Espanha, não devemos estar de costas voltadas. Tenho grandes amigos em Espanha, que me estimam muito. Isso permitiu-me receber várias condecorações espanholas, que nunca pedi e a que nunca concorri. Em 1995 fui surpreendido com a outorga do Prémio Príncipe das Astúrias em Ciências Sociais. Foi no mesmo ano em que o Dr. Mário Soares recebeu o mesmo prémio mas em Cooperação Internacional.

● **O que é que representam para si os prémios e as condecorações?**

No fundo um prémio é sempre um estímulo. Quando se é jovem é muito importante. Os novos precisam de incentivos. Há vários tipos de prémios: de revelação e de consagração. Mas atenção, os prémios só devem ser dados pela importância da obra a concurso e não por factores como a ideologia ou outros. Se uma pessoa tem valor merece ser incentivado. Ao lado disso há os chamados prémios de consagração. Mas sou contra as condecorações. E recuso-me a receber condecorações no meu país, embora as tenha aceite em outros países. Mas não me pergunte porquê. (1)

● **Porque as condecorações estão demasiado banalizadas em Portugal?**

Talvez. Foram dadas às centenas e deixaram de me interessar. Mas tenho muita honra em ser português, e sou acima de tudo um



Joaquim Veríssimo Serrão

patriota, e aí de quem amanhã pusesse em causa a independência do meu país. Mas aceito as condecorações nos outros países porque não as posso recusar já que são os meus amigos a acharem que as mereço. Julgo, também por isso, que sou mais conhecido no estrangeiro do que em Portugal.

● **Está a ser ignorado.**

Tenho a consciência de que não faço mal a ninguém. Tive milhares de alunos ao longo de quarenta anos da minha vida de professor e posso dizer que a quase totalidade deles ficaram meus amigos porque fui sempre um professor dialogante. **Por razões que radicam em posições políticas que assumi tomei-me um homem maldito em Portugal. Este livro - a História de Portugal de 1926 a 1935 - não teve uma única crítica nos jornais. Porquê? Talvez porque os "media" continuam a seguir velhos**

**hábitos de silenciarem quem não gostam. Em certos "media", não digo todos, segue-se o velho princípio de Descartes: eu não falo de ti, tu não existes.**

● **Está a pagar a factura de ter sido amigo de Marcelo Caetano?**

Mas é injusto porque fui coerente. Fui amigo do homem que foi Presidente do Conselho e não o abandonei, quando seria muito fácil agarrar-me ao cavalo do vencedor no dia 26 de Abril. Reconheço a situação actual portuguesa e não a hostilizo. Aconteceu uma revolução e não a hostilizo, o que não quer dizer que esteja em sintonia total com ela. Agora o que estou é em sintonia de alma e coração com um homem que foi meu amigo e que eu seria incapaz de abandonar. **Reconheço que tenho uma queda para os vencidos. A minha vida foi sempre estar ao**

**lado dos vencidos porque ficar ao lado dos vencedores é muito fácil.**

● **Não sofre de solidão?**

A solidão tem vários sentidos. Para mim solidão não quer dizer isolamento. Nunca estou isolado porque quando estou sozinho tenho os meus livros.

● **E quando começa a ficar cansado de tanto ler e escrever, sozinho nesta grande biblioteca...**

Quando estou cansado oiço um disco de música clássica, sento-me numa cadeira a pensar em coisas que me agradam, sobretudo na maneira em como fui capaz de transformar a dor em saudade.

● **Nunca teve um esgotamento?**

Nunca tive coisas dessas. Quando sinto que o organismo está cansado, páro.

● **Um dia, dois, três... quantos?**

Páro o tempo que for necessário. Quero dizer, não ligo ao que estou a fazer quando me canso. Quando tenho um grande desgosto, como a morte de alguém que me é querido, por exemplo, procuro criar em mim fórmulas de sobrevivência afectiva.

● **Tem medo da morte?**

Agora já tenho menos medo. Sei que é inevitável e também lhe chamo abençoada, mas só na medida em que me liberta da vida. Tenho até um conceito sobre a morte que acho interessante: quando morrer hei-de encontrar junto de mim as almas daqueles que amei, a sorrir e a abraçarem-me.

● **Longe vá o agoiro, mas quando morrer quer ter amigos a discursarem no funeral?**

Não, nem pensar, já está escrito e a minha família já sabe. Quando morrer quero ficar aqui na minha biblioteca. Daqui levam-me à Igreja da Piedade, onde me baptizaram, e por quem tenho uma grande devoção. Outra coisa que peço aos meus filhos é que obtenham autorização do presidente da câmara para que o meu funeral se possa fazer pela Rua de S. Nicolau. Quero despedir-me de Santarém, silenciosamente e pela Rua de S. Nicolau, sem qualquer tipo de manifestações.

\*Entrevista publicada na edição de 11 de Março de 1998 reeditada agora com alguns ajustes  
(1) Em 2006 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago de Espada.

## Joaquim Veríssimo Serrão é o primeiro professor Honoris Causa do Politécnico de Santarém

**Historiador escalabitano foi o primeiro presidente dessa instituição de ensino em 1980. Homenagem concedida ao seu primeiro presidente encheu o auditório da Escola Superior de Saúde no dia do 31.º aniversário do instituto.**

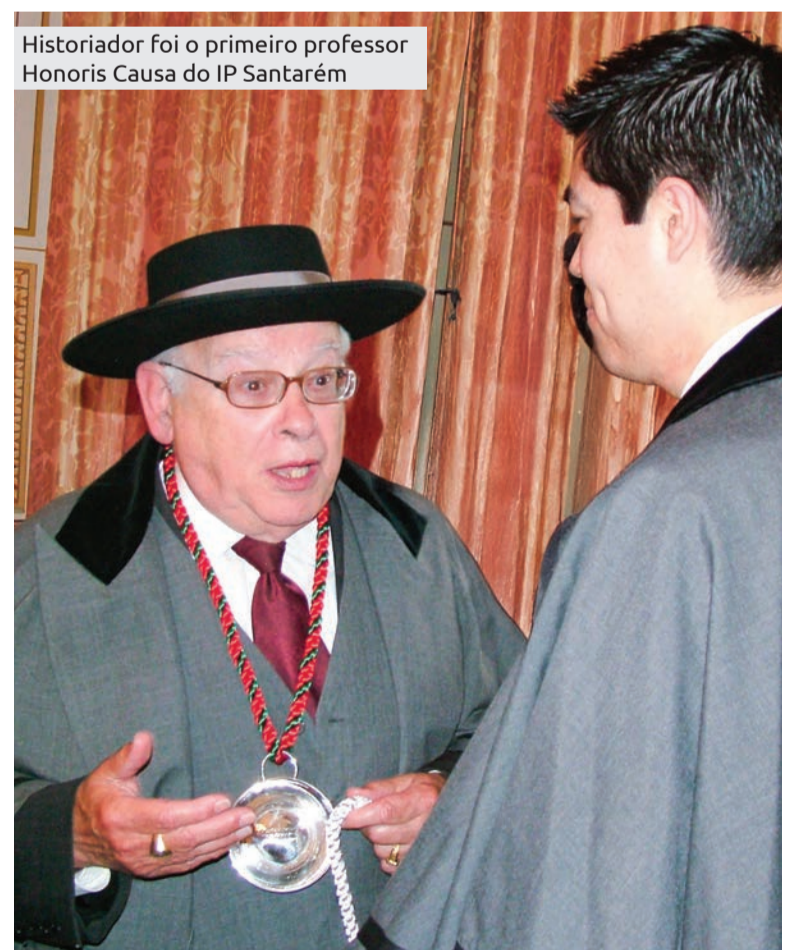
O professor e Historiador Joaquim Veríssimo Serrão foi homenageado pelo Instituto Politécnico de Santarém (IPS) com a atribuição do título de Professor Honoris Causa durante a sessão solene de comemoração do 31.º aniversário do estabelecimento de ensino superior realizada na manhã de terça-feira, 14 de Junho, no auditório da Escola Superior de Saúde de

Santarém. Uma plateia repleta de personalidades assistiu à homenagem àquele que foi o primeiro presidente do IPS. Não faltaram familiares de Veríssimo Serrão na cerimónia, a juntar a autarcas, docentes e ex-docentes, responsáveis de escolas, entre muitas outras individualidades. O Historiador emocionou-se quando falou de Santarém, da família, dos amigos, da morte, agora que já conta

quase 86 anos de vida. Mas também gracejou quando se lembrou de um antigo ministro, de apelido Seabra, que o demitiu do IPS devido a palavras menos generosas que proferiu. "Foi para o Brasil, morreu e que descanse em paz", referiu, arrancando risos dos presentes. Para Veríssimo Serrão as primeiras gotas lançadas por si em 1980 que ajudaram a formar o IPS são agora um vasto oceano, tal a dimensão que o instituto tomou". Gostava que se criasse um dia um instituto universitário com sede em Santarém a representar toda a região, como foi no século XIX com alguns cursos de Medicina. Merece nascer aqui um instituto universitário, temos mais tradição que a Covilhã, e não gostava de morrer sem que isso fosse possível", afirmou.

Várias figuras da cidade elogiaram o Historiador na cerimónia da atribuição do doutoramento mas todos sem excepção estão longe de alguma vez terem lutado, pelo menos publicamente, pelo sonho de Joaquim Veríssimo Serrão que era ver o Politécnico transformado numa Universidade como Santarém merecia.

Texto publicado no dia 16 de Junho de 2011



Historiador foi o primeiro professor Honoris Causa do IP Santarém

**Joaquim Veríssimo Serrão, académico reputado, homem de cultura, apaixonado pela sua cidade**

Na véspera de mais um feriado municipal em Santarém, o Historiador e académico Joaquim Veríssimo Serrão celebra o seu amor pela cidade e pela região e fala das oportunidades perdidas nas últimas décadas. Nesta conversa crítica ainda a partidocracia e deixa transparecer alguma mágoa com o que se seguiu à revolução de Abril.

Recebe-nos na Casa do Pinheiro, em Salmeirim, nos arredores de Santarém, na manhã de sábado. O toque da campanha interrompe-lhe as tarefas de bricolage a que se dedica habitualmente nesse dia da semana. O Historiador e académico Joaquim Veríssimo Serrão surge ao portão do amplo quintal, polvilhado de gatos, pinheiros mansos e cedros, com roupas de trazer por casa, ar descontraido, barba por fazer. Pedem-lhe simpáticamente que não lhe tiremos fotografias porque não está "em condições". A conversa decorre na divisão transformada em biblioteca e sala de trabalho. As obras literárias acumulam-se em prateleiras. Pelo chão espalham-se recortes de jornais, papéis, caixotes cheios de informação que um dia foi ou poderá vir a ser útil. Nas paredes ou em móveis repousam imagens religiosas, fotografias de familiares, do Papa João Paulo II, de Marcelo Caetano - o chefe de Governo de quem esteve para ser ministro da Educação.

● **Quando olha para Santarém hoje o que é que vê?**

Estou muito ligado a esta terra, talvez porque vivi muitos anos fora. Nasci aqui em 1925. O meu pai era um modesto comerciante. Nesse tempo a cidade formava um todo. Santarém era a população que vivia dentro das muralhas. Toda a gente se conhecia. Hoje faço uma vida muito retirada da cidade, mas vejo-a como uma terra que continua a ter encanto mas em que há anomalias. Às sete horas as pessoas vão para casa. Há poucos cafés e restaurantes abertos. É preciso acabar com isso.

● **Santarém tem sabido honrar e preservar a sua história?**

Santarém é uma terra muito infeliz. Teve dois sismos terríveis, em 1531 e 1755, que destruíram muitas relíquias do passado. Santarém era das terras mais ricas do ponto de vista monumental no país. Depois disso, a cidade teve ainda mais duas fatalidades no século XIX: a ocupação pelas tropas francesas de Massena, que esteve aqui quatro meses, e a guerra entre os irmãos Pedro e Miguel. A então vila esteve ocupada pelos dois exércitos. Muitos dos monumentos se não desapareceram pelo menos envelheceram. Depois, durante o liberalismo, os antigos conventos foram ocupados para instalar repartições públicas e militares. Se Santarém não tem tido estas provações do tempo e da história hoje era uma grande Évora.

● **Acha que o poder político local e central ao longo dos anos tem sabido cuidar do património que ainda resta?**

Na medida do possível. Nos meus tempos de rapaz já se andava a restaurar o Convento de São Francisco e hoje ainda continuam a restaurá-lo. Mas os monumentos góticos foram preservados. Houve obras em Santa Clara, na Graça, na Igreja de Santa Cruz, em São João do Alporão. Embora também tenham havido verdadeiras barbaridades, como as obras do convento da Trindade, onde se deitaram abaixo coisas que se deviam ter conservado.

# "Santarém é uma terra infeliz: teve dois sismos terríveis em 1531 e 1755"



Joaquim Veríssimo Serrão

Foi há 50 anos. Se a torre está lá deve-se a mim. Houve luta e polémica nos jornais porque se argumentava que a torre não tinha valor.

● **A defesa do património já estava na ordem do dia...**

Tenho impressão que havia um carinho maior pelas coisas de Santarém há 50 anos do que hoje. As coisas não se punham em termos políticos nem ideológicos, era mais a defesa da cidade. Era inconcebível nesse tempo mandar-se fazer uma piscina a dois metros das muralhas das Portas do Sol, como se fez.

● **Qual seria a prenda mais útil para a cidade neste feriado municipal?**

Era que o Governo restaurasse as muralhas da cidade. Que assumisse esse ónus para com a cidade e a sua antiga grandeza e também com a característica que sempre teve de ser uma terra bem portuguesa. Sem a sua conquista, Lisboa não tinha sido conquistada.

● **A candidatura de Santarém a património da humanidade foi uma tentativa de relançamento dessa antiga grandeza.**

Eu nunca concordei muito com isso. Como conhecia muitas terras no estrangeiro e em Portugal, sabia que à partida era uma batalha perdida. Porque apesar de conter muitas relíquias do seu passado, a cidade ficou arrasada com os sismos de 1531 e de 1755. Santarém é uma terra quase sem palácios.

● **Foi mais uma oportunidade perdida?**

Acho que não valia a pena gastar dinheiro. Nessa altura falei com o presidente da câmara e disse várias vezes que Santarém tem trunfos fundamentais para valorizar. Um deles é ser capital do gótico. Não há nenhuma terra portuguesa que tenha tantos monumentos góticos. E já não falo do problema romano, pois as Portas do Sol parece que têm ali uma Conímbriga. Só tem que se escavar quatro metros, mas isso significaria arrasar o jardim...

● **Acha que vale a pena?**

Talvez valesse a pena, embora o jardim seja um encanto.

● **Voltando atrás. Que outros trunfos possui**

**Santarém para se afirmar?**

Santarém devia ter aproveitado a circunstância de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, estar aqui e afirmar-se como capital do Brasil em Portugal. Muita gente brasileira que vem a Portugal e procura raízes vai a Belmonte. Belmonte foi a terra do pai de Pedro Álvares Cabral, mas não há sequer certezas de ele lá ter nascido. Ao passo que há certeza que ele está enterrado em Santarém. Esses trunfos é que deviam ser explorados, em vez de se gastar dinheiro como se gastou.

● **Não gostava que Santarém tivesse sido classificada como património da humanidade?**

Claro que gostava. Mas quando se compara Santarém com Marvão ou com Óbidos ou com o centro de Guimarães, mesmo com Viseu ou com os oitenta e tantos palácios que tem Viana do Castelo, ficamos a perder. Devíamos ter visto onde nos podíamos impor.

● **É um apaixonado pela sua cidade mas não é fundamentalista. É isso?**

Sim. Santarém tem monumentos digníssimos, panoramas fabulosos sobre o Ribatejo e a História está cheia de dados sobre ela. Centenas de pessoas ilustres nasceram em Santarém. Mas tenho a consciência que isso só não chega para fazer de uma cidade património da humanidade.

**"SOU UM FERVOROSO DEFENSOR DO RIBATEJO"**

● **Santarém foi considerado até há poucos anos, sem grande contestação, capital do Ribatejo e principal pólo urbano desta região. Acha que a cidade tem vindo a perder peso e influência no contexto regional e nacional?**

Primeiro que tudo não posso aceitar que a expressão Ribatejo esteja a desaparecer substituída por Vale do Tejo...

● **Mas a província Ribatejo já não existe há uns bons anos enquanto realidade administrativa...**

Mas existe a tradição ribatejana. Um dos erros deste regime foi acabar com as províncias. A província subsiste ao lado do distrito. É um

corpo tradicional, folclórico, etnográfico... O Ribatejo foi criado em 1937 como simbiose entre três regiões que o Tejo une - a lezíria, o bairro e a charneca.

● **Santarém perdeu ou não influência?**

Perdeu um pouco por culpa própria. E é justo também que as terras à volta não sejam satélites de Santarém e se tenham desenvolvido. Acho muito bem que Torres Novas, Tomar, Almeirim ou Cartaxo se tenham desenvolvido. Tomar até merecia ser capital do Ribatejo Norte e Santarém do Ribatejo Sul.

● **É mais ou menos isso que vai acontecer, com a divisão do distrito em duas comunidades urbanas, a da Lezíria e a do Médio Tejo. Como vê esse processo?**

Não acho que a criação dessas duas comunidades urbanas vá criar divisões entre o norte e o sul do distrito. Cada terra tem de dar o melhor de si para valorizar o conjunto económico e social. Há traços comerciais, o Tejo é um traço de união e nós não estamos em momento de fomentar rivalidades. Já há rivalidades a mais com a partidocracia que para aí há.

● **Já que estamos a falar do Ribatejo, porque é que falhou o projecto que pretendia criar uma universidade na região?**

Em 1980 o ministro da Educação Vítor Crespo convidou-me para ser o primeiro presidente do Instituto Politécnico de Santarém. É evidente que eu sou professor universitário e o ensino politécnico naquela altura era um ensino terminal. Os cursos tinham três anos, preparava bacharéis para o mercado de trabalho. E eu era contra o ensino terminal, porque não dava a possibilidade aos jovens da região, que tinham valor e queriam subir, de poderem licenciar-se. O meu sonho era criar o politécnico, como se criou, e transformá-lo em universidade.

● **O que é que falhou?**

Quando a coisa estava já conseguida o ministro da Educação José Augusto Seabra, num gesto muito feio, não o permitiu. Mas também aí o poder político - éramos governados pelo chamado bloco central - não mostrou interesse.

Não tiveram noção que esse era o momento de passar o politécnico a universidade, como já haviam feito a Covilhã, Aveiro, Braga ou Vila Real. Como isso não aconteceu voltei para Lisboa, para o meu lugar de catedrático na Faculdade de Letras.

● **Faria sentido que aquilo que existe hoje a nível do ensino superior no distrito pudesse ser transformado numa universidade do Ribatejo?**

Claro que fazia! Mais do que nunca! Mas não quiseram...

● **Esse e outros desaires deixam a ideia que a região não soube impor-se junto do Terreiro do Paço, dos centros de decisão.**

A culpa talvez não seja do Terreiro do Paço. Talvez seja dos centros políticos da região que olharam mais para o umbigo dos partidos do que para os interesses da região. Porque não há razão nenhuma para que em 1984 não tivesse havido aqui um movimento para levar isso para a frente. E agora já é tarde.

● **Acha que os agentes locais deviam retomar essa velha luta?**

Eu ficava muito contente. E tem havido do Politécnico de Santarém esse desejo. Não queria morrer sem publicar os discursos sobre o assunto que fiz nessa altura, durante quatro anos.

Joaquim Veríssimo Serrão recebeu o Prémio Personalidade do Ano Vida atribuído pela redacção de O MIRANTE. A cerimónia foi no Centro Cultural do Cartaxo, numa noite em que também foram Personalidades do Ano em outras áreas Cristina Branco, José Niza, Ilda David, Sérgio Silva, Ana Rente, Fátima Ferreira, Amorim Ribeiro Lopes, Martins Lopes, Vasco Cunha e Maria da Luz Rosinha. Eis uma parte do discurso de Joaquim Veríssimo Serrão que encantou e emocionou a plateia.

"Se a morte vier, já não tenho tanto medo dela. Esta foi uma noite para me encontrar comigo próprio, com os meus amigos, com aqueles que amo. Hoje sou um homem feliz". As palavras de Joaquim Veríssimo Serrão, distinguido com o prémio Vida pelo Jornal O MIRANTE, encerraram em apoteose a segunda edição da cerimónia de entrega dos prémios que decorreu no Centro Cultural Município do Cartaxo na noite de quinta-feira, 8 de Fevereiro. O público que encheu a sala de espectáculos, para a atribuição dos prémios personalidades do ano 2006, aplaudiu de pé a consagração do académico e Historiador de 81 anos, natural de Santarém. O Historiador agradeceu o prémio confessando-se surpreso pela homenagem. "Quando estou sozinho nem acredito que tenho esta idade. Escrevo, leio, deito-me às dez da noite e acordo às seis da manhã. Tenho os hábitos antigos. Muito embora algumas partes da minha biografia não sejam exactas... Disseram que em França conheci umas mulheres... Em França estudei! Mesmo que tenha pecados na minha vida

## "O Homem por mais sorte que tenha nunca deve perder a sua humildade"



quem os não tem..." referiu num momento de boa disposição fazendo soltar risos em toda a plateia. O Historiador confessou as origens modestas da família, o percurso como estudante e deixou conselhos ao público. "O

homem por mais sorte que tenha na vida, por mais feitos que alcance ou aulas que dê nunca deve perder a sua humildade. Nascemos iguais, morreremos iguais. O que nós temos é esperança de que a morte venha a transformar-

se para nós num sentimento de eternidade: não morrer e deixar exemplo da seriedade que tivemos ao longo da vida", disse o professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que está a escrever as suas memórias. O professor nascido em 1925 em Santarém elogiou o director-geral de O MIRANTE. "Leio O MIRANTE todas as semanas quando me chega a casa e fico admirado. Como é que este senhor Joaquim António Emídio vem da sua Chamusca faz um jornal, transforma-o num semanário regional, mas depois vai-lhe dando impulso e cria actividade editorial. Sei que muitos o lêem em França e no Brasil. Esperam ansiosamente a chegada do jornal. Este homem - que transformou um jornal regional num jornal de dimensão nacional - é um homem amável e honesto que sonha para criar realidades". Veríssimo Serrão aproveitou o discurso para louvar o trabalho dos autarcas da região e espantar-se pelo desenvolvimento que há 50 anos parecia tão longínquo. Desculpou-se pela longa aula de história e da vida e comparou-se à velha Nau Catrineta que muito tem para contar. Com o objectivo de amainar os homens. "Estar hoje aqui na presença de pessoas tão amigas é um dia ganho. Posso morrer de um dia para o outro", rematou o Historiador distinguido com o prémio Príncipe das Astúrias em 1995, o primeiro português a receber esse galardão.

Texto publicado em 14 de Fevereiro de 2007

## Um Historiador com alma de poeta

Joaquim Veríssimo Serrão era um dos melhores amigos de O MIRANTE. A primeira vez que subscreveu O MIRANTE pagou uma assinatura por dez anos. Devemos-lhe, a ele e ao seu grande amigo Carlos Cacho, palavras de incentivo nos anos em que mudamos a sede da redacção para Santarém porque, segundo eles, a cidade e a região mereciam um jornal moderno, com profissionais das novas gerações. Não era fácil chegar a Joaquim Veríssimo Serrão. Mas depois de chegarmos à fala com ele só não ficava seu amigo quem não queria. Conhecemos muita gente que fazia alarde dessa proximidade com o mestre que tinha alma de poeta. Desde que fosse em nome de Santarém, ou do Ribatejo, estava sempre disposto a escrever um prefácio, uma carta de apresentação, um texto para um currículo, uma nota para uma tese de mestrado, uma crítica a um livro, enfim, era verdadeiramente um mestre, um sábio, como aqueles que de vez em quando aparecem nos romances. Só que ele era de carne e osso e também tinha os seus dias... como todos os santos. Os seus últimos anos de vida foram dolorosos. Muitos dos seus amigos deixaram de ir vê-lo à instituição onde viveu quase uma década para guardarem dele as recordações de outros tempos. As manifestações de pesar do Presidente da República e de outras entidades, assim como a atenção que a sua morte mereceu

nos principais órgãos de comunicação social, soube a pouco para a importância que Joaquim Veríssimo Serrão teve na sociedade portuguesa dos últimos setenta anos. As televisões, por exemplo, ignoraram as imagens de arquivo que costumam recuperar quando morre uma personalidade da vida política ou cultural portuguesa de grande relevo. Só o jornal Público lhe dedicou duas páginas, com chamada e foto de capa. Veríssimo Serrão foi um herói dos nossos

tempos e não se pode afirmar que esteve do lado errado da revolução dos capitães de Abril. A sua contribuição com a publicação das "Cartas do Exílio" e "Correspondência com Marcelo Caetano" são um dos testemunhos importantes para se perceber a revolução dos cravos e a evolução do nosso sistema democrático que nasceu com a queda do antigo regime. Santarém perdeu a sua maior figura intelectual dos últimos anos. Há um centro de

investigação em Santarém com o seu nome, criado com uma boa parte do seu espólio, com muito trabalho pela frente para fazer jus ao admirável braço de trabalho do Historiador, que fez do conjunto da sua Obra uma memória preciosa para compreendermos, hoje e amanhã, que "passado, presente e futuro coexistem em simultâneo no universo", e que "o tempo não avança, todo o tempo é sempre presente".

Texto publicado em 10 de Agosto de 2020



Janelas do edifício sede de O MIRANTE decoradas com 12 fotografias retiradas do arquivo do jornal em homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão. A intenção é homenagear o insigne e ilustre Professor e Historiador, cujo centenário de nascimento decorreu no passado dia 8 de Julho. Joaquim Veríssimo Serrão é uma das grandes figuras do país do antes e do depois da revolução dos cravos. O seu percurso profissional e pessoal está para sempre ligado à cidade de Santarém, onde nasceu e morreu, e agora dá nome a um Centro de Investigação onde se reúne todo o seu riquíssimo espólio.

A pretexto do lançamento do XII volume da História de Portugal, a rádio pública Antena 1 entrevistou Joaquim Veríssimo Serrão no programa Lugar à História. A entrevista foi realizada em 24 de Agosto de 1990, publicada em duas partes, e realizada pela jornalista Maria Clara. Quando não sabe, diz que não sabe, e aponta caminhos de investigação para outros, é uma das conclusões da longa conversa em que Joaquim Veríssimo Serrão fala da sua Obra, mas também de muitas matérias ligadas à História e à vida em sociedade.

"A minha História de Portugal é, essencialmente, uma narrativa assente numa base documental, que procurei que fosse o mais extensa possível, onde apresento, tanto os aspectos que considero gloriosos, como também os factos a que podemos chamar negativos. Na vida de um povo verifica-se a mesma coisa que na existência de uma pessoa. Há as altas e as horas baixas. Momentos de grandeza e fases de declínio ou de abaixamento moral.

Não há nenhuma história integral completa que possa abarcar tudo. É evidente que uma obra como a minha terá lacunas, pontos que não foram desenvolvidos, e até conterà versões que necessitem de ser ratificadas. Mas eu tenho um grande orgulho neste meu livro em muitos volumes, porque, com todas as limitações que são próprias do espírito humano, esta obra é considerada hoje, por autores isentos, como a mais ampla, a mais abrangente de todas as histórias de Portugal que até hoje foram escritas. E com, ainda, um facto importante de

# A minha obra tem todas as limitações da própria natureza humana, mas é digna



Joaquim Veríssimo Serrão

assinalar. É que há muitas histórias de conjunto e algumas delas mesmo colaborativas, escritas por professores eminentes. Mas cada um atacou o seu sector, o seu campo de especialização, ao passo que eu não tive receio de procurar abarcar a História de Portugal no seu conjunto. Numa perspectiva geral, se me é permitido

utilizar o exemplo da Medicina, posso dizer que agi perante a História de Portugal como um médico de clínica geral. Quer dizer, alguém que se formou no campo clínico para tentar curar todas as doenças. O que não significa que não haja especialistas consagrados em domínios restritos do saber humano. Estou a falar na medicina; no conhecimento

físico e psíquico. Mas também, cada vez faz mais falta, um conhecimento global da História que nos apresente todo o passado de um povo nas várias perspectivas da sua existência colectiva."

*\* Entrevista ao programa "Lugar à História" da Antena 1, dia 24 de Agosto de 1990, a propósito da edição do 12º volume da História de Portugal.*

## Sou severo com pessoas que traem os princípios da lealdade e respeito

Veríssimo Serrão em discurso directo com base na entrevista à Antena 1

Nunca me zango com as pessoas porque dou sempre aos outros o direito de pensarem de um modo diferente do meu. Agora posso zangar-me, e ser até muito severo, quando se trata de assuntos que levam à degradação de carácter. Pessoas que não têm carácter e traem aquilo que são os princípios da lealdade e do respeito que devem aos outros. Nesses casos, sou implacável, corto e corto de vez. Mas, poucos casos tenho, na minha vida, a que se possa aplicar este exemplo.

### Sem valores morais o homem não pode viver, nem sobreviver

"A evolução do homem não pode ser só no ponto de vista técnico; de aperfeiçoamento material. Tem que ser também de salvaguarda dos valores morais e ecológicos. Pois quando digo valores morais, a defesa da natureza e o valor da natureza, a ecologia é um valor moral. A defesa da pessoa humana é um valor moral. Sou do tempo em que na escola primária havia uma cadeira chamada Educação Moral e Cívica, em que se ensinava às crianças a não bater nos animais, a não deitar abaixo as árvores, a estimar os velhinhos e a proteger os indefesos. Quer dizer, nós viemos para a vida, com dez, onze anos, com um profundo sentido de amor à natureza e aos homens. Todo o actual progresso técnico alterou os

quadros do pensamento. Hoje, na televisão, estamos constantemente a assistir à morte de pessoas. Assassinatos, mortes provocadas por violência ou por envenenamentos. Com tudo isto as pessoas começam a ficar indiferentes perante aquilo que é a mais nobre condição da vida e que é a essência humana. De modo que, os valores morais têm que ser repensados numa base de honestidade, dignidade, coerência; de tudo aquilo que nos permite afirmar que vale a pena viver. Não apenas o progresso técnico, mas também os valores morais sem os quais o homem não pode nem viver, nem sobreviver."

### "Tomaram os senhores saber o que o Alexandre Herculano não sabe"

A propósito de o Homem não ser mais do que uma pequena ilha no oceano de conhecimentos que o envolve, Joaquim Veríssimo Serrão contava uma história sobre o escritor e Historiador Alexandre Herculano, passado numa altura em que ele já vivia na Quinta de Vale de Lobos, em Azóia de Baixo, no concelho de Santarém.

"Numa noite de Inverno, agasalhado no seu capote ribatejano, e sem ninguém o conhecer, foi jantar ao restaurante Irmãos Unidos, no Rossio. Na altura estava acesa a polémica, sobre a verdadeira dimensão do comportamento de Herculano, ao ter-se retirado para Vale de

Lobos, tornando-se agricultor.

Para uns, era um acto de nobreza moral afastando-se de uma sociedade porca, a sociedade que não o podia compreender na dignidade do seu exemplo. Para outros, Herculano não era mais do que um vaidoso que tinha querido, daquele modo, atrair sobre ele as atenções do mundo. Herculano sentou-se a uma mesa e, sem ser reconhecido, notou que na mesa ao lado estavam dois jovens, um dos quais era a seu favor e outro contra. O primeiro dizia que ele era o maior homem de Portugal. Pela obra e pelo exemplo. Ao que o outro retorquia que ele não passava de um velho vaidoso, porque se fosse um verdadeiro trabalhador das letras, continuava a escrever e não se refugiava numa quinta para não ter que afrontar uma sociedade que ele detestava. O Historiador jantou e quando ia levantar-se, ouviu o seu apoiante dizer para o amigo adversário: 'Vamos acabar com a conversa. Tomaras tu saber o que o Herculano sabe'. E Alexandre Herculano, nesse momento, já de pé, sem se dar a conhecer, pôs a mão em cima do ombro do seu defensor e disse: "Tomaram os senhores saber o que o Herculano não sabe".

## Tenho medo que o sonho europeu venha a desfazer-se

O mundo abriu-se depois da Segunda Guerra Mundial. O mundo anterior, e eu sou desse tempo, era um mundo muito nacional, em que os povos se fechavam nas suas fronteiras. Não havia pactos militares, não havia, sobretudo, acordos. Ou podemos dizer que os que havia eram apenas em campos muito reduzidos da actividade das nações. Acordos de comércio; acordos sobre intercâmbio diplomático, ou um ou outro acordo cultural.

Mas isso apenas se cada um dos intervenientes buscava lucros ou vantagens dessa aproximação. Podemos dizer, quase que as nações voltavam às costas umas às outras. Foi preciso, infelizmente, vir a Segunda Guerra Mundial, para que as nações compreendessem que tinham de se unir em torno de coisas fundamentais. Mas essa Europa unida para os mesmos objectivos políticos, económicos, culturais, de aproximação entre os vários países, de um baixar de fronteiras para que os cidadãos deste mesmo continente se aproximem, é uma realidade em muitos pontos artificial, e está em confronto com velhas nações que têm heranças de séculos de que não querem abdicar.

E eu receio muito que, se quisermos ir para uma Europa política, a chamada Europa uma politicamente, esta Europa se esboroe. Poderá ter interesses colectivos no ponto de vista económico, no ponto de vista cultural, mas limitar ou diminuir a independência de vários países, criando uma autoridade supranacional, como se os órgãos de cada país

**Joaquim Veríssimo Serrão é uma figura que se pode seguir. Um homem do associativismo, da amizade, da fé e da família. Um homem que se divertia, que partilhava, que escutava. Um homem de carne e osso, que fez da sua vida uma homenagem permanente à sua cidade, ao seu país e à universidade. Um homem que não procurou glória, mas que, inevitavelmente, a mereceu e vai continuar a merecer a cada ano que passa.**

Quanto mais leio e ouço sobre o Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, mais me impressiona a sua normalidade. Não uma normalidade desinteressante ou apagada, mas a normalidade que contém em si a força tranquila dos grandes homens. Essa foi, aliás, a ideia que procurei vincar na Sessão Solene que tivemos a honra de participar no passado dia 8 de Julho, no Convento de São Francisco, precisamente no centenário do nascimento do nosso Mestre. Veríssimo Serrão não foi um sobredotado precoce, nem um génio recluso no mistério. Foi, sim, disciplinado, determinado, incansável. Mostrou-nos, com o seu exemplo, que dentro da nossa mais comum condição humana reside a possibilidade de sermos verdadeiramente extraordinários. Com trabalho. Com humildade. Com entrega.

É por isso que Veríssimo Serrão é uma figura que se pode seguir. Um homem do associativismo, da amizade, da fé e da família. Um homem que se divertia, que partilhava, que escutava. Um homem de carne e osso, que fez da sua vida uma homenagem permanente à sua cidade, ao seu país e à universidade. Um homem que não procurou glória, mas que, inevitavelmente, a mereceu e vai continuar a merecer a cada ano que passa. Honrou Portugal. Mas, acima de tudo, honrou Santarém. Foi scalabitano com orgulho e com propósito. Cuidou do nosso património como quem cuida da alma de um povo. Ainda hoje, quando a luz do sol se detém sobre a Torre

## Joaquim Veríssimo Serrão: Santarém agradece



João Teixeira Leite, autarca de Santarém

da Trindade, junto à antiga Escola Prática de Cavalaria, vemos ali não apenas pedra, mas memória. E essa memória — deixem-me dizê-lo — devemos a Veríssimo Serrão. Foi um homem prudente, leal, amigo dos seus amigos. Nunca traiu a consciência, mesmo quando os ventos da História mudavam de direcção. Não foi um homem do Estado Novo, foi um homem do seu tempo — e do nosso

também — que acreditava no valor da amizade, da palavra dada, da fidelidade à verdade. Apreciou figuras políticas de vários quadrantes: Marcello Caetano, Diogo Freitas do Amaral, Sá Carneiro. Tinha preferências, naturalmente. Mas nunca colocou os interesses do país abaixo das suas convicções. Foi político no sentido mais nobre do termo: serviu a coisa pública sem se deixar aprisionar por bandeiras.

Era Scalabitano, e essa é uma virtude. Construiu a identidade da nossa cidade com artigos, ensaios, conferências e livros. Com ele, Santarém não é apenas uma cidade antiga: é uma cidade pensada, sentida, escrita. Com Veríssimo Serrão, podemos passear pelas ruas da cidade com os seus livros na mão — e ver com os seus olhos.

Foi também um visionário. Imaginou a Universidade do Ribatejo, lutou por ela, sonhou com uma academia que desse nova vida à nossa terra e aos nossos jovens. Não o deixaram concretizar esse sonho, por razões políticas. Mas o futuro, esse, talvez ainda o venha a honrar.

Hoje, cem anos após o seu nascimento, e cinquenta após o 25 de Abril, reconhecemos em Veríssimo Serrão um homem verdadeiramente livre: político, mas não politizado; comprometido, mas independente. Não podemos catalogá-lo como de direita ou de esquerda, como salazarista oupositor, seria injusto. Podemos apenas defini-lo por três palavras: foi amigo, foi Scalabitano, foi Serrão.

Santarém prestou-lhe homenagem. E permitam-me que o escreva com frontalidade: homenageámo-lo bem. Com justiça. Com verdade. Com afecto. Sabemos que, no seu espírito modesto, ele diria que não merecia tanto. Mas nós sabemos o que valeu — e o que nos deixou. Relembro quando Santarém deu o seu nome a uma avenida e disse numa entrevista que não merecia, que nada fez para merecer.

É por isso que lhe entregamos a Chave de Ouro da sua Cidade. Porque esta cidade lhe pertence, tanto quanto ele pertence a esta cidade. Santarém não o esquecerá.

*João Teixeira Leite - Presidente da Câmara Municipal de Santarém*

de soberania praticamente não existissem, ou fossem limitados, isso é algo a que não estamos habituados e colide com as raízes do sentimento nacional. E tenho medo que a Europa nunca venha a unir-se e que, pelo contrário, o sonho europeu, que é um sonho de esperança, venha a desfazer-se.

### Há Historiadores de grande categoria, mas humanamente intragáveis

Lembro-me de ser jovem e ler Alexandre Herculano pela maneira como distinguia a ciência da fé. Como queríamos uma história documentada, baseada em fontes, provada, cientificamente provada. Uma História que não desse lugar nem à magia, nem aos enredos fantasistas. Depois deixei-me também apaixonar por essa figura tão mal estudada, ou, pelo menos, mal compreendida, que é Oliveira Martins, o Historiador artista, o homem que sabe transformar a história em belas imagens. Porque, como disse um grande Historiador francês da nova vaga: não basta escrever História, é preciso escrevê-la bem. Durante muito tempo, o conceito era que, quanto mais fastidiosa e mais pesada, mais essa história se impunha. Quer dizer,

no fundo era uma história que não se compreendia mas, porque era pesada, todos achavam que era a suma potência do conhecimento do passado. De modo que Oliveira Martins foi uma das minhas paixões, mas as lindas imagens que ele tinha para caracterizar o passado nacional nem sempre eram justas. Chamar a Afonso Henriques, por exemplo, um poltrão, um bandido; chamar a D. Pedro I, gago; chamar a um outro rei, um impotente ou chamar a D. João V o rei freirático, quando ele teve uma aventura com uma freira, que foi a única freira que ele conheceu, como se ele fosse o Senhor de todas as freiras do país, são exageros que ele praticava naquele poder colossal que tinha de criar imagens. Depois da minha primeira estada em França, a partir dos anos de 50, passei a interessar-me pela nova História. Uma História integral, tanto quanto possível, que não é só política, económica nem social. É uma História que procura abarcar tudo aquilo que diz respeito ao homem na sua longa trajectória humana. E sim, Georges Lefebvre é um dos meus ídolos. Continua a sê-lo. Mas, para mim, o problema das influências não está apenas naquilo que os Historiadores escreveram, mas também na mensagem humana que eles deixam, porque há Historiadores de grande categoria, mas humanamente intragáveis, vaidosos, petulantes, convencidos que têm a verdade nas mãos, sem a noção da humildade que faz



Joaquim Veríssimo Serrão

falta nos comportamentos humanos. Mas há Historiadores, e infelizmente entre nós, que têm a megalomania de que têm a verdade nas mãos e desprezam os outros, quando todos nós somos abelhas da mesma colmeia que fabricou algo, seja mau ou de boa qualidade.

Uma das condições fundamentais que um Historiador deve ter, é ser humilde, sabendo que está a traçar uma história em permanente revisão. Uma história que pode amanhã ser corrigida. Uma história que ele tem de saber de antemão, sujeita a uma nova visão dos problemas e das coisas.



# 100



Comemorações do Centenário do Nascimento  
do Professor Doutor **Joaquim Veríssimo Serrão**  
1925-2025



Santarém honra quem a honra

**Obrigado**